

Simpatia moderada

Publicação: [O Mundo em Português Nº59](#)

Data de Publicação: Agosto/Setembro de 2005

Autor: Marie Mendras

A Rússia sempre teve uma relação muito complexa com a Europa. A atracção esteve sempre combinada com a precaução e a preocupação, numa relação baseada no que se poderia designar por «lei da proximidade»: a proximidade faz com que estejamos suficientemente próximos dos vizinhos para que eles nos possam observar e para que tenhamos que estar à altura dos seus padrões. A União Europeia, os 25 Estados membros, é uma poderosa vizinha da Rússia. São países que contam e que estão melhor do que a Rússia (e oito deles eram, importa reter, membros ou da própria União Soviética, como repúblicas, ou do Pacto de Varsóvia, como satélites na Europa central). Assim, para o antigo império soviético e grande potência, é um grande desafio ter estes novos vizinhos, antes dominados por Moscovo, com melhores resultados económicos, políticos e sociais. É um desafio diário, o que pode explicar a constante combinação de atracção e de animosidade em relação à Europa e aos países europeus que grassa na opinião pública e nas elites russas.

A sociedade e as elites russas sentem-se atraídas pelo European way of life, vêem a Europa como o melhor local para viver. São atraídas pelo sucesso europeu na construção da paz e da prosperidade, após a Segunda Guerra Mundial, e pela capacidade das nações europeias, algumas das quais inimigas de longa data, como a Alemanha e a França, em criar um espaço económico e político comum. Estando em Moscovo ou em Novosibirsk, olhando, por um lado, para a construção comunitária e, por outro, à volta, o que se vê é um terrível fracasso – compreendendo-se em retrospectiva que a União Soviética nunca foi um verdadeiro Estado federal nem um Estado nação, que o Pacto de Varsóvia nunca foi uma verdadeira aliança, enquanto a NATO sobreviveu ao fim da Guerra Fria e a Comunidade Europeia evoluiu para a União Europeia, mesmo depois da queda do Muro de Berlim.

A Rússia foi incapaz de oferecer às suas antigas repúblicas e satélites da Europa central qualquer forma de aliança – económica, política ou cultural. A Comunidade de Estados Independentes (CEI) é uma caixa vazia. Quando se compara o fracasso das tentativas

de unificar Estados em torno da Rússia com as conquistas da UE, enquanto estrutura multilateral, que coexiste com os Estados Unidos, pode-se começar a ter uma ideia da dificuldade de ter uma atitude positiva em relação à Europa. A União é vista como uma construção pesada, complicada, burocrática e muito poderosa, que exige regras rígidas de conduta e coloca imposições aos Estados membros.

Convém salientar que a parceria entre a Rússia e a UE coloca o governo russo, que não gosta de se sentir pressionado, e as empresas russas, sob uma grande pressão. São forçados a cumprir padrões de competitividade, accountability e transparência que não são usuais na Rússia, sobretudo com o regime de Putin – claramente não transparente.

Esta constante comparação com os vizinhos europeus, especialmente desde a adesão de antigos territórios soviéticos, explica, em grande medida, a hostilidade latente que existe entre as elites russas em relação aos vizinhos europeus. Por vezes, pode não ser tão evidente, pois a hostilidade em relação ao Ocidente, à NATO e aos Estados Unidos é muito mais claramente expressa. Analisando as sondagens e os discursos de responsáveis políticos, percebe-se que a hostilidade é muito maior em relação aos EUA e à NATO do que em relação à UE. Existe uma diferença clara entre a noção de Ocidente (Zapad) e Europa – como estando mais perto, sendo menos hostil e mais pacífica do que o Ocidente, supostamente dominado pelos EUA.

Desde o alargamento da UE, a 1 de Maio de 2004, o estatuto da Rússia enquanto parceira da UE – e não de candidata, pois a Rússia não foi, não é e não será candidata num futuro próximo – é difícil de gerir, e provavelmente também do lado de Bruxelas. A mudança histórica de 2004 foi um ponto crítico para Moscovo. Estavam conscientes de que iria acontecer e tiveram tempo para se prepararem, mas não o fizeram. A recente crise entre os Estados Bálticos e Moscovo, é claramente resultado de questões históricas que nunca foram resolvidas – que Moscovo recusa terminantemente resolver. Foi por isso que as comemorações do 9 de Maio, que este ano decorreram em Moscovo, foram contraproducentes em termos de relações políticas externas. Os Estados Bálticos têm melhores condições económicas e sociais do que a Rússia, estão muito melhor que qualquer província russa, e os russos ressentem-se muito dessa realidade. Tendem a embarcar num tipo de mitologia histórica, de que libertaram e «ajudaram» essas três nações a desenvolverem-se no final da Segunda Guerra Mundial e que agora não há gratidão...

A visão de Moscovo sobre a União pode ser resumida a uma frase – a UE é o primeiro parceiro económico, e ainda o é mais desde o alargamento. Mas a UE não é vista como um parceiro significativo em termos políticos e de segurança. Porquê? Talvez seja

conveniente regressar à história dos anos 70 e 80, quando o regime soviético já estava em crise, à procura de formas de sair dos vazios da Guerra Fria e da muita dispendiosa competição militar. O regime soviético envolveu-se numa relação bilateral mais produtiva com alguns países europeus, e pensou que tinha de ter uma relação com a Comunidade Europeia. A Europa poderia tornar-se um novo centro de poder e lentamente, algures nos anos 70, os soviéticos começaram a perceber que a NATO não era a Comunidade Europeia, que os Estados Unidos não dominavam totalmente as nações europeias, que as coisas eram mais complexas. E, nessa altura, questionavam-se se a Europa poderia tornar-se num centro de poder separado em termos estratégicos e políticos. As reformas de Gorbatchev dos finais dos anos 80 aconteceram porque a liderança soviética compreendeu que a URSS estava atrasada económica e tecnologicamente em relação ao Ocidente. E a Europa podia ser um bom parceiro para acelerar o desenvolvimento da União Soviética. Mas, claro, Moscovo continuou a tentar atirar os Estados Unidos contra a Europa, a Europa contra os Estados Unidos e a tentar enfraquecer a NATO.

A dependência europeia em relação ao petróleo e ao gás russos é outro aspecto que deve ser tido em consideração e que explica, em grande medida, porque é que o presidente Chirac ou o Chanceler Schröder são tão simpáticos em relação a Vladimir Putin, mesmo nos piores períodos.

A Rússia é um país que nunca esteve activamente envolvido no multilateralismo – prefere o bilateralismo. O multilateralismo é algo em que não confia, pois não faz parte da sua tradição nem da sua cultura política. Nunca confiou nos seus «aliados». Daí que as chamadas «alianças» tenham desabado assim que os ventos da liberdade começaram a soprar nos países do Pacto de Varsóvia. O multilateralismo é uma forma de relacionamento entre os Estados, as pessoas e as sociedades em que os russos não são bons. Poderá chegar o tempo em que tenham que ter um melhor desempenho em termos de multilateralismo, mas no momento ainda jogam no tabuleiro das relações bilaterais, tentando jogar os estados uns contra os outros. Em Moscovo, existe sempre uma sensação de que se pode enfraquecer o consenso europeu, ocidental ou na NATO, ou que se pode separar a administração americana dos governos europeus em questões centrais. Vendo a reacção de Putin à Guerra no Iraque, detecta-se que ele quis ficar perto de Bush, mas demonstrando simpatia com a França e a Alemanha na campanha antiguerra. Numa entrevista que deu ao jornal francês Le Figaro, a 7 de Maio de 2005, designou este acordo tripartido contra a guerra no Iraque como uma aliança, o que obviamente não é.

A falta de habilidade do regime de Putin em reagir às eleições na Ucrânia, a sua posição teimosa de declarar a vitória de Viktor Yanukovich quando o vencedor era claramente Viktor Yushchenko, demonstra que a liderança russa não se conseguiu ajustar a realidades em mudança no que costumavam designar por *near abroad* ou esfera de influência. A CEI não tem qualquer relevância – o que ficou claramente demonstrado pelos acontecimentos na Ucrânia. Mais do que ver a «revolução laranja» como uma espécie de chamada para a revolução na Rússia, ela deve ser analisada como um sinal da incapacidade dos governos russos pós-soviéticos para lidar com as antigas repúblicas, para desenvolverem políticas inteligentes e produtivas em relação a elas e aos antigos satélites da Europa central.

Perspectivas para o futuro. Primeiro, a Europa continuará a ser a região mais atractiva para os russos, que não gostam de chineses, de japoneses, de muçulmanos e receiam a supremacia americana. Assim, a Europa continuará a ser preferida, mas não é provável que venham a demonstrar maior capacidade, ou vontade, para actuar multilateralmente com a União. E o petróleo e o gás continuarão a ser cartas poderosas da Rússia, no futuro próximo.

Segundo, a Europa Central e o *near abroad* são conceitos obsoletos. As regiões significativas são a Europa alargada e a «vizinhança comum», ou o que podemos designar por *les pays entre deux*, como a Ucrânia, a Bielorrússia e a Moldávia. Ainda não se sabe bem o que fazer com estes países: a Europa precisa de decidir, e eles próprios precisam de tomar decisões.

Terceiro, não é provável que os Estados Unidos venham a incrementar mais a sua relação com a administração de Putin. Chegou-se a uma espécie de paralisia e a relação é pouco dinâmica.

Quarto, a Rússia continuará em declínio nos próximos anos, seja em termos demográficos, de saúde e de educação, a menos que as elites decidam concretizar políticas públicas de longo prazo ambiciosas, que criem as condições para o desenvolvimento do país no seu todo, e não de forma fragmentada, apenas em alguns sectores económicos, em algumas cidades ou regiões. E têm que conceber políticas que limitem a fuga de capitais e a corrupção.

Nos próximos dez anos, é muito provável que a Rússia continue a ser um país sem políticas públicas eficazes e transparentes. As instituições europeias deverão ajustar o diagnóstico e as políticas em relação à Rússia. Os dez novos Estados membros, devido ao seu maior conhecimento sobre a Rússia, poderão contribuir para uma melhor compreensão sobre a realidade russa. Se a Europa quer ter uma política produtiva em

relação ao governo russo, deve saber exactamente o que se passa no país, e não sonhar com uma qualquer grande amizade, baseada na ficção – «somos todos europeus, lemos Dostoyevsky e eles lêem Balzac.....».

Numa sondagem de opinião de 2003, os russos foram inquiridos se se sentiam europeus: 55% responderam «nunca», 18% «raramente» e 14% «por vezes». Não são europeus e não se consideram europeus – são russos. Outra questão, muito diferente, era sobre o relacionamento com a UE. Em 2004, 77% dos russos tinham uma boa opinião sobre a UE, e apenas 12% uma má opinião.

Os russos não sentem que pertencem à Europa, sabem que não farão parte da UE nas próximas duas décadas, mas não têm uma grande hostilidade em relação à União. De certa forma, a sua simpatia tem sido preservada pela crescente hostilidade em relação aos Estados Unidos. Mas se os russos não têm ressentimentos nem medo da Europa, é também porque não a consideram uma potência mundial. A Europa é um parceiro económico, com uma cultura simpática, boa comida, bom vinho, onde os sistemas sociais ainda se mantêm.... mas não é um parceiro estratégico significativo aos olhos das elites russas. O fracasso do Tratado Constitucional pode muito bem reforçar esta atitude.